
TRAVESSIAS AMAZÔNIDAS: Produção e análise audiovisual¹

Thais Caroline de Almeida PENICHE²

Julia Mota FRANÇA³

Kleiton Afonso Silva da CUNHA⁴

Elaide Martins da CUNHA⁵

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar o produto audiovisual "Travessias Amazônicas", um mini-documentário, e discorrer sobre as problemáticas tratadas nele, com foco principal nas migrações de sujeitos de comunidades tradicionais para a região urbana da Amazônia paraense, a Região Metropolitana de Belém (RMB). Neste trabalho, serão discutidos as falas dos protagonistas do produto com os conceitos de identidade cultural (HALL, 2006) e hibridismo cultural (HAESBAERT, 2012), além de tratarmos das questões que envolvem a produção audiovisual e suas características (NICHOLS, 2005) somado às dificuldades enfrentadas para produzir conteúdos audiovisuais dentro da comunidade acadêmica por escassez de recursos e pelas limitações impostas pela pandemia de COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: audiovisual; Amazônia; identidade; hibridismo; comunicação.

INTRODUÇÃO

No âmbito deste estudo, nosso objetivo central reside na exposição e análise das experiências vivenciadas por três indivíduos que migraram de seus contextos de comunidades tradicionais para a área urbana de Belém. Nossa investigação se concentra na complexa dinâmica de adaptação que essas pessoas enfrentam ao confrontar seus estilos de vida prévios com a nova realidade cotidiana. Observamos que esse processo de transição é permeado por sentimentos de estranhamento em relação às novas circunstâncias, ao mesmo tempo que manifesta uma certa saudade e nostalgia em relação aos ambientes e modos de vida anteriores. É crucial enfatizar que a motivação

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: thais.peniche@gmail.com

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: juliamotafranca@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: kleiton.cunha@ilc.ufpa.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: elaide@ufpa.br

para essas migrações emerge de uma intersecção de fatores sociais, de saúde e econômicos que impulsionaram tais indivíduos a deixarem suas comunidades de origem em busca de melhores condições de vida e oportunidades.

Nas cidades da região amazônica, a ocorrência dessas migrações revela-se uma tendência proeminente. Uma vasta parcela da população residente em áreas interioranas de seus respectivos estados opta por empreender a jornada rumo aos centros urbanos, impulsionados por uma série de motivações que variam desde a busca por formação profissional até a obtenção de tratamentos de saúde e outros serviços essenciais. A falta de oferta adequada de tais serviços em suas localidades de origem, por parte das instituições públicas, emerge como um fator determinante para essas movimentações populacionais. Nesse contexto, as cidades amazônicas emergem como ímãs atrativos, representando polos de oportunidades que, muitas vezes, se revelam cruciais para a melhoria das condições de vida e acesso a recursos essenciais por parte dos migrantes. Pereira (2020), afirma que o deslocamento aldeia-cidade torna-se necessário por meio de trajetórias individuais e familiares que buscam na cidade oportunidades a mais que não são oferecidas em seu espaço de nascimento.

A dinâmica das migrações em questão transcende meramente as questões geográficas e assume um caráter profundamente entrelaçado com a construção identitária, o hibridismo cultural e a experiência multicultural. À medida que os indivíduos deixam para trás suas comunidades tradicionais e se inserem nos contextos urbanos da região amazônica, desencadeia-se um processo de interação e fusão de valores, práticas e perspectivas oriundas de diferentes origens. Esse hibridismo cultural, resultante da convergência de diversas trajetórias de vida, enriquece o tecido social das cidades de destino, propiciando um ambiente em que a multiplicidade de identidades e culturas coexiste. Nesse cenário, a migração não é apenas um fenômeno de deslocamento físico, mas uma teia complexa de intercâmbios culturais que molda e redefine a percepção de identidade individual e coletiva, enquanto fomenta a formação de comunidades diversificadas e interconectadas.

No âmbito deste estudo, adotamos uma abordagem interdisciplinar ao combinar a produção do documentário “Travessias Amazônicas”⁵, de 12 minutos, com a análise dos depoimentos dos personagens, alicerçando-nos em conceitos teóricos fundamentais.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6_G7JO4nRKI&t=202s Acesso em: 08/2023

Nossa análise se baseou na teoria da identidade proposta por Stuart Hall (2006), que proporcionou uma lente interpretativa para compreender como os sujeitos migrantes negociam e reconstruem suas identidades no contexto de transição. Além disso, incorporamos os princípios do hibridismo cultural e multiterritorialidade, conforme delineados por Haesbart (2012), para decifrar a complexidade da interação cultural e identitária que emerge das migrações. Ao mesmo tempo, nossa abordagem se fundamentou nas perspectivas de Bill Nichols (2005) sobre o documentário como um modo de representação da realidade, permitindo-nos contextualizar as narrativas dos personagens dentro das características intrínsecas desse gênero cinematográfico. Dessa forma, nosso trabalho se configura como uma análise teórica e contextualizada das experiências dos migrantes, em que teoria e prática convergem para aprofundar nossa compreensão das intrincadas camadas de identidade, hibridismo cultural e multiterritorialidade presentes nas narrativas documentadas.

MINI-DOCUMENTÁRIO: DA PRÉ À PÓS PRODUÇÃO

O desenvolvimento do trabalho teve início durante as aulas da disciplina de “Núcleo de Redação Integrada”, na qual a turma deveria desenvolver diversos produtos jornalísticos dentro de uma temática central: A Amazônia Urbana. A escolha se deu pela afinidade, vontade e necessidade coletiva de abordar assuntos, contar histórias e mostrar a realidade, em torno de nossas vivências na cidade de Belém do Pará; levando em consideração questões sociais, ambientais e culturais da cidade. Diante disso e a partir de nossa proximidade com o tema, decidimos produzir um mini-documentário, justamente sobre o contraste, tensões e questões em volta da realidade da migração do rural para o urbano, a partir do olhar de pessoas de comunidades tradicionais.

“As narrativas apresentadas na tela mostram que a Amazônia não é apenas um pedaço de uma floresta exuberante com riquezas naturais. É também, um lugar tomado por conflitos urbanos, ‘identidades’ culturais marcantes e boas histórias para contar” (SOUSA; COSTA, 2015, p. 276). É neste sentido que buscamos desenvolver o “Travessias Amazônidas”, por meio do audiovisual, o nosso objetivo era mostrar essas diferentes histórias, tão próximas geograficamente, mas ao mesmo tempo tão distantes das representações que costumamos ver ou ouvir nas grandes mídias tradicionais. Além disso, lançar um olhar para essa enorme diversidade cultural e social que temos em

nossa região, mais especificamente, no estado do Pará, também foi um importante norteador.

Para Nichols (2005, p. 28), “nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira”. Outra característica dos documentários, de acordo com Maine (2013), é a possibilidade de retratar a vida real e dos atores sociais, assim como sua validade temporal, já que o gênero se ocupa em retratar temas reais e não efêmeros, ou seja, que foram resultados ou ainda resultam em efeitos reais sobre a sociedade. Por isso, escolhemos o formato documentário, por nos oferecer uma variedade de possibilidades de tratar da temática guiada pelas narrativas e depoimentos dos protagonistas, assim como nos permite maior liberdade de desenvolvimento das ideias, com mais possibilidades de escolhas, seja na captura das imagens ou na montagem do roteiro; ainda que algumas questões tenham nos limitado ao longo do processo de produção, como vamos discorrer ao longo deste trabalho.

As histórias contadas pelos protagonistas, que tomam o lugar central da narrativa desenvolvida no produto audiovisual, caracterizam o mini-documentário como parte do sub gênero “expositivo”, que conforme Nichols (2005), é o formato que está mais preocupado em manter uma continuidade argumentativa ou perspectiva verbal, a qual depende de uma lógica transmitida verbalmente. Além disso, tivemos que seguir esse formato que mais se aproxima das construções narrativas jornalísticas, para seguir e obedecer o que a disciplina também nos demandava dentro desse contexto de produção.

No processo de pré-produção, iniciamos com o desenvolvimento da pauta, e então com a procura dos que seriam chamados dentro do jargão jornalístico, como “personagens”, no entanto, reconhecendo e considerando que o termo diminui os sujeitos e suas histórias tão extensas e complexas, vamos utilizar aqui o termo “protagonistas”. A partir de indicações, de contatos próximos, conseguimos conversar e marcar as entrevistas com os protagonistas. Depois iniciamos discussões para definir as perguntas que iriam guiar as gravações das sonoras, ao mesmo tempo que escrevíamos um rascunho do roteiro.

Durante esse período, também tentamos entrar em contato com pesquisadores e fontes oficiais, que pudessem apresentar dados ou estudos sobre políticas públicas para

peças de comunidades tradicionais, a citar: Fundação Nacional do Índio e especialistas que estudam a questão territorial e migratória no estado; no entanto, não tivemos nenhum retorno. As dificuldades de contato se agravaram mais ainda diante do contexto de restrições causadas pelo aumento de casos de COVID-19.

É importante ressaltar que o trabalho audiovisual foi fruto de uma disciplina totalmente ministrada virtualmente, dentro dos limites dados pela resolução do Ensino Remoto Emergencial - ERE (Resolução N. 5.294, de 21 de agosto de 2020). Nesse contexto, durante o processo de produção nos deparamos com algumas dificuldades e tomando todas as medidas preventivas, tentamos contornar e seguir com o desenvolvimento das gravações.

Deste modo, iniciamos a entrevista com Maria do Socorro, de 56 anos, da comunidade quilombola de “Bairro Alto”, localizada no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó; a protagonista teve que se mudar para Belém por conta de problemas de saúde. Também entrevistamos mais dois protagonistas que tiveram que morar na capital paraense, por conta dos estudos, o estudante indígena do curso de medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA), Jõxanti Kõkaproti, de 20 anos, pertencente ao povo “Gavião”, etnia Kyikatêjê; e a estudante quilombola do curso de licenciatura em teatro da UFPA, Silvia Lima, de 32 anos, da comunidade “São Sebastião - Genipaúba”, localizado no município de Acará.

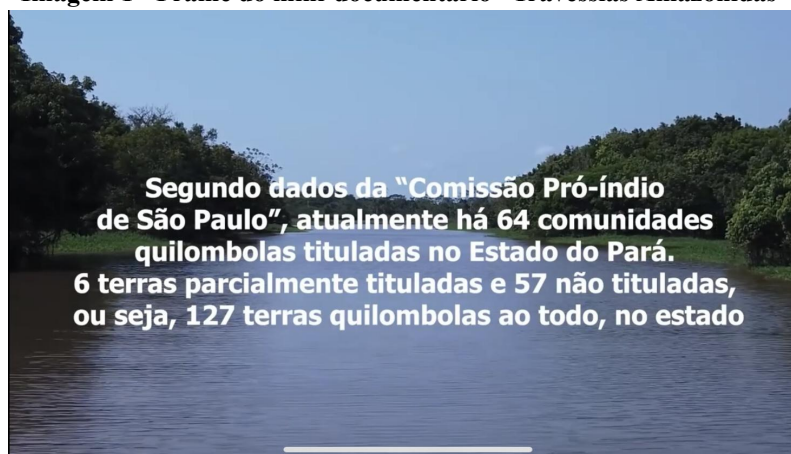
A partir do conteúdo das sonoras, iniciamos o processo de pós-produção, com a decupagem de áudio e vídeo. Tomando como norteadores os assuntos e temáticas das narrativas que os personagens contam, reconstruímos e finalizamos o roteiro para então iniciar a etapa de montagem e edição. Nosso enfoque foi, para além de apresentar suas histórias de mudança para Belém, mostrar as questões socioeconômicas e culturais, que permeiam todo esse processo de migração de suas comunidades para o cenário urbano da capital. Assuntos como preconceito, racismo e saudades foram alguns pontos presentes nas falas dos protagonistas.

As etapas que nos demandaram mais conhecimentos técnicos, principalmente de edição e montagem, foram as mais difíceis. Devido ao caráter mais experimental do trabalho, junto ao contexto pandêmico, tivemos que lidar com esses entraves sem o suporte e orientação dos técnicos da faculdade para finalizar o produto; o que

influenciou inclusive a escolha do formato mais curto de mini-documentário, com 12 minutos e 11 segundos.

Outro empecilho durante esse processo foi o tempo, já que havia um prazo para o encerramento da disciplina e para realizar a entrega do produto finalizado. Nesse contexto, tivemos que encontrar formas de contornar e solucionar essas questões. Como exemplo, podemos citar as lacunas das fontes oficiais, na quais tivemos que preencher com inserção de textos sobrepostos nas imagens de apoio, até mesmo para fazer as pontes e ligações entre as falas dos protagonistas, dando sentido às narrativas. Além de citações de artigos como do professor José Carlos Pereira (2020), em que ele afirma que o deslocamento comunidade-cidade "ganha regularidade por meio das trajetórias individuais e familiares que vêem a cidade como espaço de oportunidade e superação de muitas dificuldades enfrentadas na aldeia" (PEREIRA, 2020, p. 18).

Imagem 1 - Frame do mini-documentário “Travessias Amazônidas”



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

De acordo com Nichols (2005, p. 28), “[...] os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas”. É importante ressaltar que essas interferências e mudanças, além do próprio desenvolvimento do roteiro e da montagem, também influenciam no recorte final das histórias que são contadas. Nosso objetivo e ponto de vista diante do tema apresentado, que guiou nossas escolhas durante todos os processos de produção, sempre foi a prioridade para as falas e narrativas dos protagonistas, desde o primeiro contato com eles, até o retorno para apresentar o produto final.

IDENTIDADES CULTURAIS COMO RESISTÊNCIA

Stuart Hall (2006), refletindo sobre as consequências da globalização nas identidades culturais, tanto as chamadas identidades nacionais, que ele critica ao dialogar com outros autores sobre sua característica de dominação, quanto as identidades locais, afirma que “todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais” (HALL, 2006, p. 70). Cabe aqui, portanto, um debate a respeito dos movimentos de trânsito cultural e suas implicações sociais, políticas e, obviamente, culturais. Ao descrever que as identidades nacionais estão se desintegrando ao mesmo tempo em que as identidades locais estão em um processo de resistência ao fenômeno da globalização, Hall (2006) reforça que a questão da “identidade cultural” está, exclusivamente, dentro do campo discursivo.

Ora, se formos analisar as identidades culturais, ou melhor dizendo, as práticas culturais-sociais pré-estabelecidas no Brasil da década de 1950, por exemplo, e as comparar com as que estão em vigor na atualidade, decerto chegaremos em um consenso mútuo de que são quase totalmente diferentes, ao mesmo tempo em que outras mais específicas continuam iguais. Hall (2006) frisa as transformações sociais e culturais que acontecem em uma sociedade ao longo do tempo e suas diferenças entre territórios específicos, como as identidades culturais diversas que existem e coexistem na extensa região Norte, por exemplo – que é o caso das identidades dos entrevistados do mini-documentário, foco deste trabalho.

Em outras palavras, Hall (2006) quer dizer, entre outras coisas, que não se pode pensar em identidade cultural sem levar em consideração todas as mudanças que ocorrem ao longo do tempo em determinados locais. Ou seja, para que se possa compreender como ocorre esse processo de resistência cultural, principalmente quando se trata de pessoas de comunidades tradicionais, as práticas culturais locais se transformam e se reinventam dentro de si mesma, sem desconsiderar as interferências externas à ela (que é, em suma, a essência da globalização). Contudo, é preciso tomar cuidado para que não sejam aplicadas sugestões deterministas nesse pressuposto, como reitera Haesbaert (2012) ao trabalhar o conceito de hibridismo cultural.

Se dialogarmos os conceitos de Haesbaert (2012) com a questão das identidades culturais em contínua mudança ao longo do espaço e do tempo, perceberemos suas aplicações lógicas. Colocando as experiências narradas pela dona Maria do Socorro no mini-documentário, uma mulher negra quilombola que precisou migrar de sua comunidade tradicional na Ilha do Marajó para tratar de uma enfermidade na capital paraense, pode-se perceber na prática aquilo que Hall (2006) discorre sobre as transformações culturais que ocorrem no trânsito entre diferentes territórios, desde sua perspectiva mais violenta, quando as forças hegemônicas obrigam de certa forma essa mudança, até sua perspectiva mais positivista, onde ocorre esse processo de resistência e transformação de fato.

Ainda no exemplo da Maria do Socorro, ela relata em sua fala as formas possíveis que ela utilizou para manter viva as práticas culturais do seu lugar de origem, como o simples fato de comer peixe assado com açaí – atividade comum entre a maioria dos paraenses, mas que ainda assim revivem a memória de uma identidade cultural. Outro costume que a entrevistada permanece realizando é a de lavar roupa à mão, com a diferença, de acordo com ela, que em seu território de origem era feito na beira do poço "com água limpinha". Claramente, não podemos ignorar todas as implicações socioeconômicas que "lavar roupa à mão" representa, no entanto, isso ajuda a reforçar a ideia de pertencimento, o que Hall (2006) chamaria de movimento de resistência.

Porém, é preciso salientar que esse movimento de resistência nem sempre é passível de se realizar plenamente. Como é o caso do estudante de medicina, Jõxanti Kõkaproti, que conta sobre o festival do Milho Verde que acontece em sua aldeia e que, por questões óbvias, não se pode reproduzir esse costume na capital. Diferente da dona Socorro, contudo, o Jõxanti não encontra-se na necessidade de permanecer na cidade, já que suas limitações não correspondem às de dona Socorro, que precisa estar sempre em Belém para tratar sua enfermidade, o que nos direciona a pensarmos em quais medidas ocorrem esse movimento de resistência.

Hall (2006), ao desconstruir o discurso de "cultura nacional", vem justamente num sentido contrário do movimento de resistência. Ele questiona a narrativa de cunho político e econômico – característica essencial do Capitalismo – de uma cultura unificada. Ao enxergarmos o cenário criado pelas forças hegemônicas para dar a ilusão de unificação cultural, conseguimos perceber que esse discurso por si só é uma falácia.

O autor diz que as culturas nacionais "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo 'unificadas' apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural" (HALL, 2006, p. 62).

Pode-se concluir dessa afirmação que, dentro do campo discursivo de "cultura nacional", o simples fato de manter viva as experiências culturais de suas comunidades tradicionais, sejam elas mais práticas como a de dona Socorro, sejam elas mais simbólicas como a memória afetiva de Jõxanti, essas atividades são parte de um movimento de resistência por si só, pois vão na contramão daquilo determinado pela ideia de unificação. Com isso em mente, há a possibilidade de compreender a questão da identidade cultural tratada no produto audiovisual analisado.

Além dessas questões que envolvem a percepção de identidade dos protagonistas do mini-documentário e os processos de resistência exercidos por eles ao longo de suas trajetórias entre comunidade-cidade, buscamos entender as características afetivas que impulsionam ou não nos movimentos de pertencimento. Hall (2006) questiona todo o discurso que envolve a ideia de "cultura nacional", unificada e inflexível, e coloca em cheque as constantes mudanças sociais e culturais que envolvem, principalmente, os fluxos contínuos proporcionados pelo fenômeno da globalização, que discutiremos um pouco mais quando falarmos sobre hibridismo cultural e multiterritorialidade de Haesbaert (2012). No entanto, outro aspecto dessa discussão precisa ser mencionado, que é o aspecto emocional que envolve esses fluxos culturais.

Estar distante de sua comunidade não afeta somente as práticas culturais e sociais, mas também influencia nos sentimentos tanto de quem saiu do território de origem, quanto dos que ficaram. Silvia Lima, de comunidade quilombola do município de Acará-PA, conta em entrevista do medo que sentiu durante o período pandêmico de COVID-19 em não ver mais a família dela. Essa mesma sensação foi sentida por milhões de pessoas ao longo do mundo quando o isolamento social e a política de *lockdown* foram necessários para conter a pandemia causada pelo Coronavírus, portanto, não é difícil perceber como as questões afetivas são importantes ao se discutir identidade cultural. Para enfatizar essa ideia, destacamos um trecho retirado da fala de Maria do Socorro sobre sua comunidade:

E não poder morar lá... eu gostaria muito de voltar a morar lá, mas eu não posso. Eu tenho consulta aqui de mês a mês, então eu preciso ficar aqui [Região Metropolitana de Belém] por isso, né? Não tenho condições de ficar indo e vindo todo mês pra consulta. Então... eu gostaria de dizer que eu amo meu quilombo, eu amo a minha família, eu amo ser quilombola. Eu amo a minha raça! E gostaria muito de voltar a morar lá. Muito mesmo. (Entrevista concedida por Maria do Socorro em 2021)

HIBRIDISMO CULTURAL E MULTITERRITORIALIDADE

As relações amazônicas emergem como um ponto focal curioso que atravessa a multiterritorialidade e o hibridismo cultural, onde os hábitos ancestrais e as influências globais da modernidade se entrelaçam de forma complexa e constroem uma identidade única. Essas confluências podem ser vistas no cotidiano das cidades amazônicas, como a capital paraense Belém por exemplo, que mantém uma forte culinária ligada à natureza, uma arquitetura ligada à sua fundação histórica e é uma cidade insular rodeada de ilhas e que se construiu a partir da fusão dos diversos elementos culturais e sociais que estão ao seu redor.

Essa fusão de elementos culturais cria um ambiente único, onde tradição e inovação coexistem, celebrando a rica herança histórica da região ao mesmo tempo em que abraçam as transformações do presente. O território amazônico, assim, se apresenta como um espelho da diversidade e da resiliência cultural que caracterizam a região como um todo.

Haesbaert (2012, p. 29) defende a perspectiva de que o território se configura como o espaço geográfico que se desvela quando examinado a partir do prisma das relações de poder. Estas relações englobam tanto a manifestação concreta do poder em suas dimensões materiais, muitas vezes político-econômicas, quanto a sua tessitura simbólica. Desse modo, o autor destaca que sua abordagem do território se concentra nas intrínsecas relações de poder que o permeiam, abrangendo desde as formas tradicionais de poder, muitas vezes vinculadas a estruturas estatais e administrativas, até suas manifestações mais simbólicas. Esta última perspectiva enfoca inclusive a construção identitária, que pode ser compreendida primordialmente como uma ferramenta de poder, ou utilizando um termo de conotação discutível, como um meio de "empoderamento", empregado por grupos e/ou classes sociais.

Em um trecho do documentário *Travessias Amazônidas*, um depoimento da estudante de teatro Silvia Lima, quilombola da comunidade de Genipaúba remonta essa

relação de poder e sua imponência diante do estranhamento dos outros a ela enquanto quilombola, do interior do Pará e mulher negra.

Lá na minha comunidade, eu acho que na maioria dos quilombos, a gente tem um costume: o modo como a gente fala. Aqui eu tive que como se mudar muitas coisas que eu vivo lá no meu quilombo. Tipo assim o modo de falar, porque o povo diz que o povo do interior fala de uma forma diferente, então eu senti muito tipo assim o modo de eu me vestir. Inclusive eu gosto de usar turbante e quando eu entrei pra cá, eu senti muita dificuldade porque muitas pessoas ficavam me olhando e aquilo me constrangia, eu sentia que algumas pessoas poderiam estar me olhando, mas tipo assim com um olhar de crítica. (Entrevista concedida por Silvia Lima em 2021)

A mudança de um ambiente rural para um cenário urbano frequentemente desencadeia um conflito cultural de costumes para a pessoa envolvida. Os hábitos e tradições que foram enraizados no contexto anterior podem colidir com a outra dinâmica encontrada na cidade, por vezes de isolamento, convívio social ou até mesmo alto custo financeiro. No documentário, dona Maria do Socorro destaca suas dificuldades em acessar hábitos que cresceu fazendo e que vivendo em Belém não consegue realizar ou muito menos voltar à sua terra natal para vivenciá-los.

Por exemplo, lá eu ia na praia todo fim de semana porque era pertinho, aqui eu nunca fui na praia, morando aqui esses onze anos eu nunca fui na praia e nem igarapé, lá eu ia em igarapé toda hora porque só atravessar assim e eu já tava no igarapé e andar um pouquinho a gente já tava na praia então todo final de semana a gente fazia isso. (Entrevista concedida por Maria do Socorro em 2021)

O hibridismo cultural transcende a mera coexistência de diferentes culturas; ele engloba a criação de novas identidades e práticas que refletem a complexa teia de interações na região, celebrando ao mesmo tempo a diversidade e a inovação. Para Haesbart (2012, p. 35) produzir culturas híbridas implica também na criação de espaços que são de certa forma "híbridos", liminares ou "transfronteiriços", conforme descrito por Canclini em 1998 (1989). Estes são territórios múltiplos, cuja configuração afeta diretamente nossas visões de mundo e a formação das nossas identidades sociais.

O autor ainda completa que a atual natureza multiterritorial pode facilitar os processos de hibridização, seja devido à nossa crescente mobilidade física, que conecta diversos territórios como visto nos migrantes em diáspora, ou através da diversidade territorial intrínseca, especialmente evidente no cosmopolitismo das grandes cidades

globais, por exemplo, como é o caso das análises de Canclini sobre Tijuana, na fronteira entre México e Estados Unidos.

A conexão entre multiterritorialidade e hibridismo cultural está enraizada na dinâmica contemporânea de interações globais, mobilidade e intercâmbio cultural. A multiterritorialidade refere-se à coexistência de múltiplos espaços geográficos e culturais que estão interligados de várias maneiras. Esses espaços podem ser físicos, como as migrações transnacionais que conectam diferentes regiões do mundo, ou podem ser simbólicos, representando a presença de diversas culturas em um único local devido à globalização e à diversidade étnica.

O autor ainda afirma que em algumas sociedades e contextos, a experiência do hibridismo se manifesta de maneira mais proeminente, seja devido à abertura voluntária ou à necessidade de intercâmbios culturais mais intensos. O historiador cultural Peter Burke (2003), ao explorar o fenômeno do hibridismo, argumenta que quando imposto, esse processo pode acarretar perdas culturais significativas. No entanto, dado que o hibridismo é inerentemente bidirecional, ele também pode se converter em uma ferramenta de inovação e/ou resistência. Essa perspectiva é claramente ilustrada na visão "antropofágica" do escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade.

Jõxanti Kõkaproti destaca sua socialização como uma diferença cultural que tem marcado sua vida e processo de moradia na cidade, ele destaca que na sua aldeia tinha uma imersão em várias atividades na aldeia e atualmente está vivendo na cidade de forma mais isolada. "Uma coisa que eu fazia muito era tá em família, brincando, estando nas festas culturais e hoje em dia eu tô aqui na cidade apenas estudando e numa vida mais isolada" (Entrevista concedida por Jõxanti Kõkaproti em 2021).

Em resumo, a multiterritorialidade proporciona as condições para o encontro de culturas diversas, enquanto o hibridismo cultural é a manifestação resultante desse encontro. Ambos os conceitos estão intrinsecamente ligados na era contemporânea, onde a interconexão global e as dinâmicas migratórias levam à criação de novas formas culturais que refletem a complexidade e a interação entre diferentes tradições, mas não significa que obrigatoriamente um promoverá o outro.

Essa transição pode gerar desconforto ao lidar com novos ritmos, comportamentos e normas sociais que contrastam com a realidade das comunidades de

origem. A pessoa pode se sentir confrontada a ter que ser vista como um “outro” em um lugar novo completamente diferente daquele que nasceu.

Isto significa que as relações entre hibridismo cultural e multiterritorialidade não são biunívocas: podemos ter, por exemplo, uma multiterritorialidade num sentido funcional sem que se promovam ali experiências de hibridização cultural. É interessante ressaltar, entretanto, que a maior mobilidade do nosso tempo, afetando tanto nossa multiterritorialidade “sucessiva” (que implica deslocamento físico) quanto “simultânea” (ou “in situ” – no sentido de um local culturalmente múltiplo e/ou de uma “mobilidade virtual” que permite “controlar” territórios à distância), é um elemento potencialmente favorecedor – e muito – dos processos de hibridização (HAESBAERT, 2012, p. 36)

Por vezes o conflito cultural muitas vezes requer um processo de ajuste e aprendizado gradual, à medida que a pessoa busca encontrar um equilíbrio entre suas raízes e as demandas do novo ambiente cotidiano. A conexão entre multiterritorialidade e hibridismo cultural está enraizada na dinâmica contemporânea de interações globais, mobilidade e intercâmbio cultural e até mesmo transterritorialidade.

Por fim Haesbaert (2012), registra que a verdadeira sinergia entre hibridismo ou transculturação e multi ou transterritorialidade ocorre somente quando a transição de um território para outro resulta concretamente em uma transformação de comportamento e em uma fusão de culturas. É essencial compreender que o espaço e o território não devem ser percebidos meramente como reflexos desses processos de hibridização, mas sim como componentes intrínsecos essenciais para a sua formação.

CONCLUSÃO

Ao longo de todo o processo de produção do mini-documentário ficamos diante de diversas questões importantes, sejam pelos empecilhos que contribuíram para compor nossas experiências, sejam pelas narrativas e histórias narradas pelos protagonistas mostrando um outro olhar da Amazônia Urbana, a partir das experiências de dona Socorro, Jõxanti e Silvia.

Para além do nosso objetivo inicial de apresentar o processo pessoal de cada protagonista, da migração de suas comunidades para a capital paraense, devemos ressaltar as camadas e tensões presentes nos relatos, que nos provocam e deslocam o nosso olhar para o território em que vivemos como palco das construções culturais e simbólicas tão intrínsecas às nossas vivências.

Em conclusão, a análise aprofundada dos depoimentos fornecidos pelos entrevistados que migraram de suas comunidades para Belém revela uma complexa teia de experiências, desafios e transformações. As narrativas dessas pessoas destacam a interconexão entre fatores socioeconômicos, culturais e ambientais que impulsionaram suas decisões de deixar seus territórios de origem. Além disso, emergem questões fundamentais relacionadas à preservação da identidade étnica, à manutenção das tradições culturais e à busca por oportunidades econômicas em um ambiente urbano em constante mudança.

No âmbito das políticas públicas, os resultados deste estudo enfatizam a necessidade de abordagens sensíveis às especificidades culturais e sociais dessas comunidades, tanto em suas áreas de origem quanto no contexto urbano de destino. A promoção de condições de permanência de indígenas e quilombolas que necessitam sair de suas comunidades de origem para realizar todo e qualquer procedimento longe de suas residências, ao mesmo tempo em que ofereçam oportunidades de capacitação e fortalecimento econômico, é fundamental para garantir uma migração mais digna e justa.

A compreensão mais profunda das experiências e perspectivas desses migrantes indígenas e quilombolas contribui para a construção de uma visão da migração contemporânea para a Amazônia Urbana, ressaltando a importância de políticas inclusivas e de respeito à diversidade cultural. A partir desses insights, novas pesquisas e ações podem ser direcionadas para criar ambientes urbanos verdadeiramente acolhedores e enriquecedores, onde a existência e identidades desses grupos sejam não apenas reconhecidas, mas também respeitadas.

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LENNON SOUSA, R.; MIRANDA COSTA, L. Um olhar preliminar sobre a Amazônia: Comunicação e audiovisual em Belém do Pará. **Revista GEMInIS**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 274–285, 2015.

MAINE, Larissa. Nazinha: devoção popular no círio. 2013. 36 f. **Trabalho de conclusão de curso** (bacharelado - Comunicação Social-Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**; tradução: Mônica Saddy Martins - Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PEREIRA, José. Indígenas na metrópole: lutas multiétnicas e identidade coletiva na cidade de Manaus (AM). **Belém: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. Palestra**, 2016.